

Ele ergueu o machado de guerra, a lâmina carregada de energia psíquica, esmagando o sacrifício das freiras que deram suas vidas. Sob o intenso estímulo daquela energia, a fenda entre a realidade e o Subespaço começou a se abrir novamente. Inúmeros demônios emergiram como sombras — desta vez, não apenas as criaturas pestilentas de Nurgle, mas também os furiosos demônios de Khorne. O ecoar de tambores de bronze sacudiu os céus. Sangueiros, canhões de latão, touros de aço e, por fim, um imenso senhor demoníaco de Khorne surgiu, com asas vermelhas, chifres e membros inferiores semelhantes aos de um bode. Seu corpo colossal, com quase dez metros de altura, emergiu da fenda do Subespaço, empunhando uma espada amarela em chamas, como se pretendesse aniquilar tudo em seu caminho. Kossolax riu como um louco no campo de batalha, proclamando que o poder de seu senhor havia chegado. O céu escureceu, tingido de vermelho, como se o fim do mundo estivesse próximo. Tempestades anormais e relâmpagos cortavam as nuvens, e a luz das estrelas foi completamente obscurecida. Taylor sentiu-se desesperançoso. Mas o Cavaleiro Cinzento disse: — Não... Isso é? Impossível... e ainda assim, possível. Taylor perguntou: — Você também enlouqueceu? O líder dos Cavaleiros Cinzentos respondeu: — Seja sério, mortal. Você está testemunhando um milagre. Taylor duvidou se ele havia sucumbido à corrupção, mas, no momento seguinte, um raio dourado caiu do céu, atingindo o local onde Letrina repousava. Quando a luz dourada se dissipou, o sarcófago de pedra se partiu, e uma santa dourada ressurgiu. Penas longas, uma espada sagrada, asas e um sorriso sereno demais. Seus cabelos prateados fizeram até os deuses tremerem. Taylor sentiu seu corpo exausto se recuperar rapidamente, como se estivesse cheio de energia infinita. Os soldados saudaram aquele ser com a saudação da Águia Imperial, enquanto Letrina — ou melhor, a Santa Viva — bateu suas asas e desceu suavemente, suas penas douradas dissipando-se ao tocar o chão. Ela olhou para os mortais com benevolência. Então, ergueu sua espada e declarou: — Agora é a hora do contra-ataque! Sua imagem lembrava a da lendária Joana d'Arc. Capítulo 115: A Santa Viva, Parte 4 Taylor observou a garota, familiar e estranha ao mesmo tempo, e fez novamente a pergunta: — Quem é você? Ela sorriu. — Ainda sou Letrina, a mesma que você conheceu. Nada mudou, exceto que agora, após atravessar montanhas de cadáveres e mares de sangue, renasci pela graça do Imperador. — Meu corpo não foi destruído, e o Imperador me mostrou o caminho. Não conversamos, mas eu senti sua orientação. Então, acrescentou: — Obrigada por tudo o que fez. Devo admitir que subestimei você. Se não fosse por sua ajuda, eu não teria tido tempo para superar essas provações. Mas Taylor não estava preocupado com isso. Ele perguntou, ansioso: — Não, não... O que o Imperador acha de mim? Quer dizer... Ele... Ele estava atrapalhado. Afinal, ali estava uma Santa Viva, alguém que havia estado diante do próprio Imperador, uma poderosa entidade. Ele queria respostas, um sinal sobre seu destino. Sua ansiedade lembrava a da tartaruga em Jornada ao Oeste, que pedia a Buda uma previsão sobre sua própria iluminação. Letrina apenas respondeu: — Eu também não sei. Voltei apenas pela minha vontade e pela ajuda do Imperador. O que Ele quer que eu faça ainda é um mistério. Taylor murmurou: — Entendo... Mas Letrina acrescentou: — Posso sentir que você não é do tipo que morre facilmente. Seu desejo certamente se realizará. Taylor suspirou. Ouvir encorajamento de alguém imortal e capaz de se regenerar infinitamente não era muito convincente. Pelo menos, agora seu corpo estava revigorado, cheio de energia sob a luz da Santa Viva. Suas armas brilhavam — até mesmo o mais fraco dos rifles laser agora causava feridas mortais nos demônios. O mesmo acontecia com os outros. Eles estavam mais fortes do que nunca, abençoados pela presença da Santa. Até mesmo os Cavaleiros Cinzentos recuperaram suas energias. O líder deles disse: — Mortal, em vez de se preocupar com isso, devemos resolver o problema dos demônios. Letrina afirmou: — Posso fechar o portal para o Subespaço e expulsar os senhores demoníacos, mas preciso da ajuda dos Cavaleiros e das freiras. Além disso... — Preciso que os Marines do Caos não se aproximem. Taylor concordou: — Entendo. O perigo ainda não acabou. Ele não queria lutar, mas agora era a melhor chance. Mesmo abençoado, ele ainda podia morrer. Organizando a defesa, Taylor posicionou os soldados para fornecer cobertura e preparar-se para o combate corpo a corpo. O objetivo era segurar a posição, impedindo que os Marines do Caos interferissem no ritual de Letrina. Escondido atrás de uma barricada, Taylor acendeu um cigarro. Ele não gostava disso, mas os últimos dias haviam sido intensos demais.

Primeiro, matou um senhor demoníaco. Depois, enfrentou Marines em uma batalha desesperada. A vida estava ficando cada vez mais louca. O que viria a seguir? Em breve, ele se tornaria um veterano endurecido pelo fumo e pelo álcool. Mas seu descanso foi interrompido. Vários soldados vieram perguntar como era ser amigo de uma Santa Viva. Taylor os mandou de volta aos postos, mas o entusiasmo deles era maior que o medo da batalha. Os Marines do Caos tentavam romper as defesas. Eles precisavam impedir Letrina de fechar o portal antes que algo ainda pior surgisse. Kossolax já recebera a palavra de seu senhor. O Sanguebane, Ceifador de Almas — conhecido por muitos nomes — estava a caminho. Embora tivesse sido exilado aos confins do universo por trair seu mestre, o Senhor do Bronze ainda o controlava. Diziam que ele fora o mais poderoso dos demônios de Khorne. Quando os outros deuses atacaram a Fortaleza de Bronze, ele, sozinho, esmagou os invasores, fazendo-os fugir em desespero. Kossorax estava certo de que sua chegada poderia virar o jogo da batalha. Por isso, avançou sob um fogo cada vez mais intenso, determinado a romper as defesas da pirâmide. Inúmeros irmãos caíram, incontáveis tanques foram destruídos. Os humanos, agora, pareciam ter uma energia inesgotável — suas armas não superaqueciam, e Kossorax até suspeitava que tivessem munição infinita. Se não fossem os demônios segurando os inimigos mais poderosos, ele duvidava que conseguiria chegar até ali. Sua armadura ainda exibia um corte deixado por um Cavaleiro Cinza. Embora não tivesse atingido um ponto vital, a proteção já estava frágil, prestes a ceder. Usando a parte mais resistente do ombreiro para bloquear os disparos, ele continuou avançando. Até mesmo um Astartes teria que admitir: aqueles soldados do Império estavam causando problemas sérios. Nunca imaginara que humanos comuns fossem capazes de tanto. Mas Taylor conseguira. Lembrou-se da reunião com Abaddon, onde um capitão da Guarda da Morte insistia em falar sobre aquele humano chamado Taylor. A maioria dos Astartes rira da ideia, mas Kossorax fora um dos poucos a concordar. O olhar de Abaddon, ao ouvir que consideravam humanos uma ameaça, fora puro desdém. Agora, Kossorax queria que o Senhor da Guerra visse com seus próprios olhos o que esse "humano" fizera. Ele testemunhara a morte de um Grande Demônio. Vira como as tropas humanas seguravam a linha contra as hordas do Caos. Se isso era "insignificante", então por que Abaddon sempre acabava contido pelos defensores de Cadia? A fúria tomou conta dele, impulsionando-o adiante. Chegou à base da fortaleza, deixando para trás três tanques destruídos e mais de dez irmãos mortos. Mas ele sobrevivera. Ordenou que seus soldados usassem cargas térmicas para abrir caminho pelas ruínas dos eldars. Após a explosão, entrou rapidamente, abatendo os humanos que ainda resistiam com rajadas de bolter. O interior era escuro, abandonado há séculos. Kossorax viu símbolos do Império nas paredes — restos de rituais dedicados ao Imperador. A ironia: agora, aquele lugar servia como um portal para demônios. Pisando sobre os corpos dos soldados imperiais, avançou em passos rápidos, pronto para acabar com a batalha. Mas parou subitamente. Lá, à frente, um humano familiar estava parado, postura ereta, segurando uma espada e uma arma como um guerreiro lendário. A postura de combate era tão perfeita que Kossorax sentiu um frio na espinha. Já sofrera nas mãos daquele homem. A técnica de Taylor era estranha — imprevisível, selvagem, misturando medo e coragem de um jeito que nem mesmo um mestre em combate como ele conseguia decifrar. Até os tiranídeos, especialistas em guerra, não entenderiam. O próprio Taylor não entendia. Agora, ele estava ali, tenso, segurando o rádio e repetindo: — Tem um Astartes aqui! Preciso de reforço! Arrependia-se de ter escolhido aquele "ponto seguro". Nem seguro era, nem bem posicionado. Capítulo 116: Eu, Contra um Campeão de Khorne? Tecnicamente, Taylor estava mais forte do que nunca. A combinação de estimulantes e o poder da Santa Viva elevara seus reflexos ao nível de um assassino modificado do Templo Culexus. Mas nada disso significava que ele pudesse vencer um veterano de mil batalhas, um guerreiro abençoado por Khorne... Seu estômago embrulhou ao ver o machado-motosserra do herege, a lâmina fumegante que em breve estaria pingando com seu sangue. Recuou instintivamente, mas Kossorax moveu-se como uma serpente, atacando num piscar de olhos. O machado zuniu pelo ar. Taylor ergueu a pistola de plasma e disparou, desviando o golpe por um triz — a corrente roçou seu rosto, a menos de três centímetros. O rugido do motor e o assobio da lâmina de plasma cortando o ar ecoaram em seus ouvidos. Taylor contra-atacou, esfaqueando o peito do herege com sua espada.

Kossorax sorriu. — Te peguei. A lâmina penetrou a armadura, mas parou após alguns centímetros. Se uma Lictor Tyranid pudesse rasgar uma armadura Términus, será que ele tinha a mesma resistência? Não. O problema era Taylor. Um humano comum não conseguia liberar o verdadeiro poder daquela arma. Se fosse uma Lictor atacando, Kossorax já estaria sangrando. Mas o campeão de Khorne já tinha o pulso de Taylor em seu aperto. Um simples movimento, e o braço do humano se partiria. Ele envolveu Taylor como uma serpente prestes a devorar sua presa — uma comparação ridícula, dado o tamanho deles. Sob a pressão, a armadura de Taylor começou a ceder. Ele ergueu a pistola de plasma e gritou: — Pelo Imperador! Era mais para se encorajar do que qualquer coisa, mas o grito ecoou, inspirando seus homens. Os soldados do 15º Esquadrão chegaram atrasados, mas chegaram. — Solta o meu chefe! — berraram, atirando sem parar.

<http://portnovel.com/book/29/4850>